



Histórias e Memórias de um Serial Killer¹

Heitor Aires SOARES²

Pedro Emanuel de Campos Maia Garcia CASTOR³

Prof^ª Dr^ª Patrícia SALDANHA⁴

UFF - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Histórias e Memórias de um Serial Killer propõe a observação de uma ação fora dos padrões morais da sociedade. Busca-se o que um indivíduo perturbado observa de beleza em um ato atroz. Revela a fascinação pela violência, seu impacto emocional nas pessoas. A arte é transgressora, fora do comum, uma ação em busca de reação. A fotografia pode ser a procura da emoção e do sentido produzido no sujeito, mesmo que sem intencionalidade. O trabalho também procura refletir a presença marcante da psicopatia na mídia e na cultura popular e a concepção de beleza em tal distúrbio sem a intervenção de uma visão da moral social.

PALAVRAS-CHAVE: choque; fotografia artística; transgressão; violência midiática,

INTRODUÇÃO

Observada há vários séculos pela humanidade, a psicopatia só teve seu primeiro estudo oficial publicado por Hervey Cleckley em meados do século XX. Em seu trabalho, Cleckley afirmava que a escassez de pesquisas na área se dava por se tratar de “*um problema muito conhecido, mas ao mesmo tempo ignorado pela sociedade como um todo*”. (MENDES, 2011 apud CLECKLEY, 1941)

Portanto, exatamente pela delicadeza do assunto, a psicopatia se faz especialmente apta a ser representada pela fotografia artística. Transgressão e contravenção são denominadores em comum para os dois campos - mesmo que em esferas completamente diferentes - o que baseou a produção deste trabalho.

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Fotografia Artística.

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, email: heitoraires@gmail.com.

³ Aluno co-autor e estudante do 3º. Semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, email: pedro.emmanuel.maia@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda email: patsaldanha@globo.com.



Uma das características mais marcantes da fotografia artística é exatamente a que a difere da fotografia jornalística: a primeira não tem necessariamente compromisso com a verdade, já que procura traduzi-la sob diferentes perspectivas. Tal atributo abre um leque de possibilidades para a representação de um ato de violência norteador pela visão de uma mente perturbada. Tal qualidade permite que, de uma forma um tanto quanto crítica, mas principalmente analítica, procure demonstrar a beleza visual num ato absolutamente condenável.

2 OBJETIVO

Esta foto, pertencente a um ensaio fotográfico que teve como objetivo principal chocar o espectador. Através desse choque, despertar diversas emoções, como o desconforto, o nojo e o nervosismo.

Fugindo do espectro normal de um ensaio fotográfico, buscou-se explorar o fascínio da cultura popular por esses indivíduos perturbados, capturando a beleza desviada através dos olhos desses assassinos, que sentem prazer em infligir dor a outros.

Ao demonstrar uma violência bruta, sem censura, muitas vezes julgada desnecessária, desejamos trazer à tona questões sobre a representação da violência na cultura e mídia atual e sua fetichização.

Portanto, a foto tem objetivo comum a todas expressões artísticas, a busca da reação emocional e reflexão.

3 JUSTIFICATIVA

A violência está inserida no contexto social atual. Existe exposição a ela através do noticiário, dos filmes, livros, seriados e música, se apresentando em grande variedade, como cômica, estilizada, realista e até real. O seu efeito na população é assunto de grande discussão, principalmente quando relacionado à formação cultural de crianças, que podem ter seu comportamento moldado pela influência da violência. Menciona-se sua banalização e até fetichização.

Na verdade, a violência tanto choca como fascina. Televisão e jornais se aproveitam de situações trágicas como modo de atrair o público. Ceccarelli cita, em

2002, um exemplo claro que ilustra o encantamento pela violência, quando diz os canais têm dedicado-se os acontecimentos em New York no dia 11 de setembro, repetidos à exaustão. Igualmente, a guerra que se seguiu tem sido transmitida para o mundo inteiro.

Além disso, casos como o da foto, onde há presença de distúrbio psicótico, são retratados constantemente em diferentes mídias. Tão atrativo que, por exemplo, a revista *Mundo Estranho*, da editora Abril, apresenta desde 2008, mensalmente, no quadro Retrato Falado, a biografia resumida de um assassino em série.

A foto, portanto, tem em uma de suas dimensões a atração por esse distúrbio. A beleza vista pelos olhos de um psicopata, a beleza da destruição. É a partir da fotografia artística, e de sua capacidade de transgressão, que é possível observar o encantamento desses psicopatas por algo tão errado.

A arte tem como característica uma ação e dessa ação se espera uma reação. Mesmo o espectador exposto a grande grau de violência diariamente, a sua representação artística ainda possui grande capacidade de choque. Demonstrada sobre um aspecto bruto, solicita-se uma resposta emocional, seja de horror, agitação ou surpresa por estar submetido a uma experiência incomum.

Neste diapasão, outra dimensão da fotografia é justamente o questionamento da violência e de sua fetichização. A violência, mesmo que represente algo de forma atraente, apresenta um perigo. A intensidade do ato representado na foto pode estimular o observador a refletir sobre como a violência tem sido absorvida e como a repercussão deste tipo de imagem, que retrata violentas atrocidades, pode fascinar.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O trabalho foi fotografado com uma câmera Nikon D90, operada manualmente. Por conta da impossibilidade de usar algum estúdio de fotografia na Universidade, o trabalho foi realizado sem auxílio de fontes de luz artificiais ou rebatedores. Contudo, a falta de um estúdio se provou um benefício, visto que fazer a foto em uma localidade externa trouxe uma dimensão palpável, demonstrando o evento como algo possível de acontecer em qualquer localidade, diferentemente de uma certa sensação etérea que um estúdio poderia trazer.



A foto não passou por nenhum programa de tratamento de imagem. Toda obtida a partir do manuseamento planejado da câmera digital e ambiente da foto. Com a intenção de simular o efeito de movimento, propositalmente foi aumentado o tempo de exposição à luz pelo obturador, para que desse modo, fosse criada a ilusão de que a cabeça está indo de encontro à mesa, enquanto na verdade ela estava apenas sendo movida pouco centímetros para frente e para trás, o suficiente para criar o efeito de *blur*.

O sangue falso foi criado com produtos normais caseiros, como mel, melado e achocolatado, em conjunto com uma tinta vermelha (comestível).

O ambiente predominantemente branco, junto com a camiseta branca, foram escolhidos para que todos os aspectos manchados com o sangue falso fossem destacados.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Instigados pela disciplina de Linguagem Fotográfica, lecionada pelo professor Luiz Edmundo⁵ a realizar um trabalho de final de período, passamos por um caminho longo – e um tanto complicado – até a realização desta foto. Nossa ideia inicial em tudo diferia do tema que tratamos por fim. Havíamos escolhido um assunto, e movido todos os esforços possíveis para realizá-lo quando fomos defrontados pelo primeiro empecilho.

Por conta de problemas de ordem administrativa, fomos avisados pelo monitor do estúdio fotográfico, praticamente nas vésperas da entrega final do trabalho que não poderíamos ter acesso ao espaço nem aos equipamentos naquela ocasião. Nossa ideia se tornaria inválida naquele momento, por se tratar de um trabalho que só poderia ser realizado com aparatos profissionais e a auxílio do referido monitor.

Estupefatos diante da porta que nos tinha sido fechada, sem aviso prévio, nos vimos numa situação periclitante. Dispúnhamos de pouco tempo, quase nenhum recurso fotográfico técnico e praticamente nenhuma verba – já que todo nosso capital pessoal disponível havia sido voltado para a compra de materiais para aquele tema.

Diante da insegurança por conta de um prazo apertado e da dúvida pela falta de um tema, juntamos os quatro integrantes do grupo original para nosso rápido

⁵ Professor do Curso Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda

brainstorming. Lançando uns aos outros nossos pensamentos, percebemos que precisávamos de um tema amplo e interessante, que ao mesmo tempo fosse conciso e intrigante. Decidimos então que nosso objeto de foco seria o único ser capaz de abranger tantos paradoxos: o ser humano. O que nos faltava, porém, era delimitar uma fatia cativante e curiosa, na qual pudéssemos nos aprofundar para – com o pouco tempo que nos restava – produzir algo que fosse atraente artisticamente e proveitoso para a nota de nossa matéria.

Inegavelmente, nosso desespero se confundia com uma cólera furiosa por termos desperdiçado tempo com algo que tinha possibilidade de não se realizar. Mas de certa forma, isso nos aproximou do tema que por fim escolhemos. Se não estivéssemos incentivados, naquele momento, pelo ressentimento com a Universidade, provavelmente não chegaríamos ao que foi nossa decisão final: nosso trabalho seria centrado em psicopatas.

Referências preferidas não faltariam. A psicopatia é representada na cultura popular de tempos em tempos, sem contar os momentos em que assassinos reais se tornam personagens de cinema, ou da literatura. Um dos *serial killers* mais famosos da atualidade, Dexter Morgan, personagem principal da série homônima, estava presente no imaginário de todos do grupo. Não surpreende, portanto, que sua estética *clean* tenha influenciado profundamente na ambientação do nosso trabalho.



Dexter, Showtime Networks Inc.

O contraste vermelho sobre branco presente na série fez parte das inspirações para a produção da foto.



Jack, o Estripador

Caricatura da revista Punch publicada em setembro de 1888.

Outro assassino em série que não poderia ser deixado de lado na formulação das fotos leva uma carga de mistério que permaneceu intacta por séculos. Jack, o Estripador nunca foi encontrado – e existem vertentes que negam a veracidade de algumas acusações feitas a ele – mas a brutalidade de seus atos deixou marcas tão profundas na sociedade britânica

que o farão ser lembrado sempre que o assunto for pelo caminho da psicopatia.

Com o tema propriamente escolhido, preparamo-nos para apresentá-lo da melhor maneira possível com o mínimo de recursos. Como não estavam disponíveis ferramentas comuns a estúdio de fotografia, como refletores, tivemos que pensar mais ainda nos ambientes a serem fotografados, exigindo um esforço extra no planejamento e composição do ambiente da foto. A única fonte de luz para a foto era o Sol. Por sorte, conseguimos obter uma câmera profissional DSLR para fazer as fotos, dando uma maior credibilidade ao trabalho.

O tema tem um componente essencial, presente em todas as fotos: o sangue. Com um curtíssimo prazo para a realização do trabalho, não era possível a compra de produtos fora do comum para formularmos o sangue falso. Outro grande obstáculo se apresentava: por ser integrante primordial para as fotos, o sangue tinha que ser o mais realístico possível. Após horas de pesquisa online, retirando receitas de várias fontes, conseguimos extrair uma base para formulação de um sangue com aparência realística. Mesmo assim, tivemos que adaptar diversos ingrediente à nossa realidade, a produção caseira. Em uma fórmula de tentativa e erro, tentando comparar o ingrediente pedido com um produto disponível equivalente, até conseguir o sangue mais verdadeiro possível.

Partindo desses elementos combinados, era chegada a hora de nos aventuramos para o campo da realização da tarefa. Organizamos nossas ideias de fotos e fomos produzir. Na hora da produção da fotografia, atentamos para um outro aspecto importante: a disposição do sangue no ambiente. Para reforçamos a ideia de que o indivíduo estava sofrendo grave agressão, o sangue foi espalhado de modo a entender que a ação da violência já ocorreu diversas vezes e vai ocorrer de novo. Isso remete novamente ao seriado Dexter, já que o personagem homônimo é um especialista em padrões de dispersão de sangue.

Com as fotografias feitas, só nos restava apresentar o trabalho à classe. Assombro e perplexidade foram algumas das reações ecoadas nos rostos de nossos



colegas e do professor – que fez questão de ressaltar o quanto nosso trabalho destacava dos demais na estruturação do tema.

Para definir qual foto seria submetida ao concurso, a resposta de nossa turma foi de extrema importância. Algumas traziam somente espanto, outras fizeram risos ecoarem pela sala. Sons de nojo puderam ser ouvidos quando outras eram exibidas. Porém, uma mistura particularmente interessante de sentimentos foi percebida quando mostramos Histórias e Memórias de um Serial Killer. Asco, pavor, admiração, estranheza e simpatia jorraram por sobre a imagem, o que só aumentou nosso favoritismo por ela – que já era uma das preferidas por conta da qualidade técnica.

6 CONSIDERAÇÕES

Sabe-se que uma pessoa com o transtorno de personalidade supracitado tende a agir muito mais sob o campo da razão, deixando de lado suas emoções na busca por atingir seus objetivos e alimentar suas necessidades. Esse apelo racional na visão de alguns poderia afastar a doença da fotografia artística, de certa forma, impossibilitada de capturar o racional. Mas não é a racionalidade do doente o que se deseja capturar, e sim a teatralidade em seus atos e o calor – saudável ou não – em sua alma que passa pela câmera.

A arte é uma ferramenta do homem, utilizada para a expressão de sentimento e pensamento. Histórias e Memórias de um Serial Killer expressa tanto a sedução quanto o perigo da violência. Na representação descomedida de um ato rude, levanta-se a questão do limite da violência, seus efeitos e sua glorificação. Essa é a função artística, de questionamento e sensação.

Se há algo em comum entre a psicopatia e a arte, é – sem dúvida - a inevitabilidade de ambas. Com todas as suas problemáticas e seus dilemas, a expressão artística é o meio mais completo ao alcance das mãos do ser humano para exprimir sua mente, seu espírito. Por isso, se torna ferramenta imprescindível na definição formal do homem, chegando a ser tão urgente quanto suas carências físicas.

Tais carências físicas são diferentes no corpo de um psicopata. Seus olhos precisam do sofrimento alheio assim como a lente de uma câmera precisa de luz. Sem seus alimentos, ambos são nada mais do que caixas vazias, escuras e incompletas, sem um propósito funcional relevante.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENDES, S. M. V. **Psicopatia: Tratamento Terapêutico Ocupacional Através dos Modelos Comportamental e Cognitivista**. Artigo publicado online:

<http://www.webartigos.com/articles/59284>, 2011. Acesso em: 3/04/2011, 15:32

CLECKLEY, H. M. **The Mask Of Sanity**. 1941- (Tradução Livre, retirada do artigo de **Psicopatia: Tratamento Terapêutico Ocupacional Através dos Modelos Comportamental e Cognitivista**, <http://www.webartigos.com/articles/59284>)

GRUNDMANN, R. **A Companion to Michael Haneke**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010

CECCARELLI, P.R. **Violência e TV**. Disponível em:

<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/violencia.htm>, 2002. Acesso em: 4/04/2011. 13:15

VARELLA, D. **Violência na TV** . Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp0805200299.htm> , 2002. Acesso em: 4/04/2011, 13:45

SANTANA, M. S. **A violência na mídia e seus reflexos na sociedade**, 2004. Disponível em:

<http://jus.uol.com.br/revista/texto/5062/a-violencia-na-midia-e-seus-reflexos-na-sociedade> Acesso em: 4/04/2011, 12:30

www.redepsicologia.com

Dexter, Showtime Networks Inc.

Mundo Estranho, Editora Abril; São Paulo, 2008 – 2011; edições 82 a 109.